DOI:

ANÁLISE DE UM RECORTE DA REALIDADE APÓS AS OFICINAS DE "HISTÓRIA DE VIDA"

Danielle Rodrigues de Jesus Assumpção
Universidade Metodista de Piracicaba
drjassumpcao@gmail.com

Cibele Adriana Perina Aguiar
Universidade Metodista de Piracicaba
cibeleapa@hotmail.com

Resumo
A oficina "História de Vida" foi oferecida como parte da atuação extensionista da equipe da Universidade Metodista de Piracicaba na cidade de Jurema/PE pelo Projeto Rondon (julho/2014), na condução do protagonismo juvenil. A oficina, baseada na teoria da identidade, primou pela narrativa das vivências pessoais dos integrantes, oportunizando a reflexão das histórias de vida ali narradas. Para a análise desses momentos, apoiada nos pressupostos da abordagem materialista histórica e dialética bem como da área de língua/linguagem, a oficineira capturou o movimento daquela realidade, como uma fotografia. A fim de observar as ações, foram criadas categorias de análise a partir das similaridades ocorridas nos grupos das oficinas: a heterogeneidade das características e a homogeneidade das posturas dos participantes, possibilitando a percepção de uma fala singular dos narradores. Nesse processo, a (re)significação das histórias de vida foi concretizada pela fala do outro, fazendo da exposição oral das narrativas a maior protagonista.
Palavras-chave: História de vida. Linguagem. Oralidade

ANALYSIS OF AN EXTRACT OF REALITY AFTER "LIFE STORIES" WORKSHOPS

Abstract
The staff from the Methodist University of Piracicaba that acted with extension actions in the city of Jurema/PE by Rondon Project (july/2014), in order to guide the youth leadership. The workshop, based on the identity theory, and excelled by the narrative of personal experiences of its members, providing the opportunities to reflect the life stories narrated there. In order to permit analysis of the moments, the "oficineira" caught movement of that reality as if it was a photograph. In order to observe the actions, data categories were created through similarities that occurred in the groups of workshops: the heterogeneity of the characteristics and the homogeneity of the participants' postures, enabling the perception of a narrators' singular speech. In this process, the (re)signification of life stories came true by means of the other's speech, making the oral exposition of the narratives the greatest protagonist
Keywords: Life history. Language. Orality.

SISTEMA JRONDON: REGISTRO Y ORGANIZACIÓN DE LOS TRABAJADORES ACTIVIDADES RONDON PROYECTO OPERACIONES

Resumen
El taller "Historia de Vida" se ofreció como parte de las obras de ampliación del personal de la Universidad Metodista de Piracicaba en la ciudad de Jurema/PE por el Proyecto Rondon (julio/2014), en realización de liderazgo juvenil. El taller, basado en la teoría de identidad, destaco la narrativa de las experiencias personales de los miembros, proporcionando oportunidades de reflexión de las historias de vida allí narradas. Para analizar este momento, con apoyo de los supuestos del materialismo histórico y el enfoque dialéctico y también el área de lengua/lenguaje, la responsable por el taller hay capturado el movimiento de esa realidad como una fotografía. Con el fin de observar las acciones, las categorías fueron creadas a partir de las similitudes que se dan en los grupos del taller: la heterogeneidad de las características y la

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

homogeneidad de las posiciones de los participantes, permitiendo que la percepción de un discurso singular de los narradores. En este proceso, la (re)significación de las historias de vida fue concretizado por el discurso del otro, haciendo la presentación oral de las narraciones la mayor protagonista.
Palavras clave: Historia de vida. Lenguaje. Oralidad

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

INTRODUÇÃO

As políticas de extensão nas universidades brasileiras caracterizam-se dentro do tripé ensino, pesquisa e extensão, uma vez que estes são indissociáveis. Porém, mais do que compreender a extensão como aquela que possibilita a realização de teoria e prática, e também como aquela que atende a um compromisso social da universidade, é necessário conceber a extensão como mediadora na relação entre universidade e sociedade. Uma das dimensões dessa prática acadêmica se refere à capacidade da universidade em identificar as demandas geradas na sociedade a fim de que a instituição possa ser interlocutora nesse diálogo definindo rumos relacionados ao ensino e à pesquisa (UNIMEP, 1998).

Dentre os projetos e ações extensionistas, o presente trabalho destaca o Projeto Rondon, promovido pelo Ministério da Defesa Brasileira. Segundo o site do referido projeto, este promove ações visando integração social e envolvendo a participação voluntária de estudantes universitários com comunidades carentes. Tal integração visa também o desenvolvimento sustentável, bem como a ampliação do bem-estar das comunidades. Os municípios escolhidos para receberem as equipes rondonistas são aqueles situados em áreas prioritárias, ou seja, com altos índices de pobreza e exclusão social, além de estarem isoladas no que se refere a sua localização geográfica. Logo, as regiões priorizadas pelo Projeto Rondon têm sido o norte e nordeste brasileiro.

As operações do Projeto Rondon ocorrem sempre em período de recesso/férias escolares: janeiro e julho. Uma das operações de julho/2014 atendeu o estado de Pernambuco e foi denominada de "Operação Guararapes". As equipes universitárias da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) e da Universidade do Norte do Paraná (UENP) se uniram a fim de atender o município de Jurema, localizado a 268 km da capital pernambucana, Recife. Coube à Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) desenvolver ações referentes ao Conjunto A: cultura, direitos humanos e justiça, educação e saúde. Já a Universidade do Norte do Paraná (UENP) desenvolveu ações relacionadas à comunicação, tecnologia e produção, meio ambiente e trabalho, caracterizando o Conjunto B. O cenário da cidade era dividido basicamente entre zona urbana e zona rural, apresentando dados estatísticos alarmantes, como por exemplo, a taxa de 77% dos domicílios da zona rural possuir saneamento básico inadequado, segundo Censo 2010, realizado pelo IBGE.

Como uma das propostas a ser realizada com a comunidade de Jurema/PE, pensou-se numa oficina que proporcionasse a criação de um espaço no qual os integrantes pudessem assumir posição de extrema importância, o lugar de fala e escuta, através das narrativas de

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.
Extensio: R. Eletr. de Extensão, ISSN 1807-0221 Florianópolis, v. 13, n. 21, p.23-35, 2016.

histórias de vida. A perspectiva que orientou tal oficina em primeira instância foi a tese da identidade proposta por Antonio da Costa Ciampa (2005), na qual o autor compreendeu que para defendê-la "foi preciso primeiro superar os moldes tracionais de estudar identidade pela Psicologia Social – abrir mão do caráter descritivo e estatístico – e assumir uma outra orientação metodológica: a narrativa de história de vida." (LIMA; CIAMPA, 2012, p. 13). Ao lado deste pioneiro na área da psicologia social, caminharam vários colaboradores para a proposição teórica da identidade. Neste circuito destaca-se para esse trabalho o discurso de Aluísio Ferreira de Lima, junto a Ciampa (2012, p. 24), quando afirma que:

> O ponto de partida dessa teoria de identidade é a compreensão do processo de socialização e individualização, entendido como sendo sempre algo que pode ser observado na história da espécie. [...] A identidade, portanto, é concretizada a partir de um processo de significações estabelecidas com outros indivíduos, no jogo do reconhecimento. Isso nos leva a admitir que a identidade manifesta-se a partir de uma pluralidade de personagens ou se ela torna-se reduzida a uma personagem fetichizada, ainda assim é pela relação de reconhecimento que ela se mantém estruturada.

Considerando a perspectiva de uma psicologia social, há então o viés do materialismo histórico e dialético. O presente trabalho está apoiado num recorte dos momentos de realização das oficinas, ou seja, a análise partiu do pressuposto de que foi feita uma captura da realidade em constante movimento, uma vez que "[...] a realidade sempre é movimento, é transformação." (CIAMPA, 2005, p. 141). Esse recorte permitiu analisar os momentos/movimentos vivenciados nos grupos das oficinas.

Ainda sobre o materialismo histórico e dialético, é válido ressaltar que há antagonismo na relação entre indivíduo e sociedade, uma vez que é nesta relação dialética de contradição que os indivíduos se constituem, e na qual o grupo desempenha papel de mediador. Nessa perspectiva, enfatizam-se concomitantemente as microanálises, que abrangem o contexto social, por exemplo, e as microanálises que consideram os indivíduos formados por este contexto (LANE, 1984).

Tendo em vista que a própria área da psicologia social pretende se abrir como leque para outros campos do saber, este artigo propõe também uma abertura para outras áreas, mais especificamente a da língua/linguagem, em suas representações, visto que a oficina foi espaço para produções textuais verbais, não-verbais e mistas.

Para este trabalho, o olhar fotográfico do registro material impresso e digital dos instantes vividos durante as oficinas e as imagens mentais ainda latentes desses momentos, também foram utilizados pela oficineira-participante como material de análise. Para que os momentos em movimento fossem capturados a partir de recortes da realidade vivenciada, representados por imagens mentais e materiais do acervo da oficineira, foi necessário buscar conceitos iconográficos

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.
Extensio: R. Eletr. de Extensão, ISSN 1807-0221 Florianópolis, v. 13, n. 21, p.23-35, 2016.

que pudessem dar suporte teórico. Os autores propostos para dialogar com essa perspectiva foram John Berger (1999) e Boris Kossoy (2002), que trabalham com os conceitos de aparência e de representação que emergem da fotografia (ato não espontâneo), mas que de alguma maneira documenta de forma material o instante. Para Berger (1999, p. 11),

> Uma imagem é uma cena que foi recriada ou produzida. É uma aparência, ou um conjunto de aparências, destacada do lugar e do tempo em que primeiro fez sua aparição e a preservou – por alguns momentos ou séculos. Toda imagem incorpora uma forma de ver. Mesmo uma fotografia. Porque as fotografias não são, como se presume frequentemente, um registro mecânico.

Já para Kossoy (2002, p. 22, grifos do autor),

> A fotografia tem uma realidade própria que não corresponde necessariamente à realidade que envolveu o assunto, objeto registro, no contexto da vida passada. Trata-se da realidade do documento, da representação: uma *segunda realidade*, construída, codificada, sedutora em sua montagem, sem sua estética, de forma alguma ingênua, inocente, mas que é, todavia, o elo matéria do tempo e do espaço representando, pista decisiva para desvendarmos o passado.

A partir deste diálogo há uma proposta interdisciplinar de olhar para um fenômeno, sem que este estivesse sob a mira exclusiva de um único saber. Ainda, é válido ressaltar que a cultura da comunidade juremense não foi invalidada, e seus conhecimentos também foram apreendidos e considerados nesse processo, logo, a "prática interdisciplinar não se restringe à interação com outros conhecimentos científicos, mas também com os domínios do senso comum." (CALEGARE, 2012, p. 211). A união de áreas distintas ocorre nessa proposta de análise, mais especificamente, à ideia extensionista do Projeto Rondon que agrupa distintas áreas do conhecimento para um trabalho em equipe multidisciplinar.

MATERIAIS E MÉTODOS

Planejamento

A oficina "História de Vida" possuía inicialmente o nome de "Identidade", pelo fato de orientar-se na teoria da identidade (LIMA; CIAMPA, 2012). Entretanto, em virtude do método de narrativas de história de vida que fora utilizado na condução da oficina, optou-se pela mudança de nomenclatura, já que o discurso oral dos participantes seria a peça chave. Em relação ao planejamento da oficina, pensou-se numa estrutura de plano de trabalho que pudesse ser

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.
Extensio: R. Eletr. de Extensão, ISSN 1807-0221 Florianópolis, v. 13, n. 21, p.23-35, 2016.

flexível àquela realidade ainda a ser descoberta, logo, o referido plano poderia ser reduzido ou ampliado sem que seus objetivos ou bases metodológicas fossem comprometidos. Utilizaram-se recursos tecnológicos em algumas das oficinas, tais como, multimídia, computador e caixas de som. Materiais escolares também foram utilizados: papel, canetas, lápis, giz de cera e cola, por exemplo. Pretendia-se atingir dois objetivos por meio da oficina: 1) criar um momento que proporcionasse aos participantes narrar suas histórias de vida a fim de que houvesse uma reflexão das vivências pessoais; 2) colocar os participantes na posição de autores de sua própria história por meio do discurso oral/narrativa pessoal. Além disso, havia também as demandas que justificavam a realização da oficina, como por exemplo, o levantamento de dados estatísticos do município, além da constatação, por meio de relatos da viagem precursora, de pouco protagonismo juvenil, ou seja, jovens com perspectivas de futuro que não rompiam com aquilo que lhes era dado. Na fala popular, é como se os mesmos estivessem "fadados ao destino". Sendo assim, tanto os fatores quantitativos (dados estatísticos) quanto os qualitativos (relatos de pessoas do município de Jurema/PE), de fato, possibilitaram a realização da oficina.

Desenvolvimento

A referida oficina foi desenvolvida para a "Operação Guararapes" realizada em julho de 2014 pelo Projeto Rondon, por uma estudante universitária de psicologia que fez parte da equipe Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), parceira da equipe Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Já o município selecionado para acolher as equipes universitárias foi o de Jurema, no interior do estado de Pernambuco. Assim como as demais cidades selecionadas para receber as equipes do Projeto Rondon, Jurema/PE apresentava uma conjuntura social determinante para essa escolha, marcada especialmente pelo baixo Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM): 0,509 (IBGE, 2010).

Por se tratar de um plano flexível, não foram estabelecidos local nem faixa etária de público específica para a realização destas atividades da oficina. Foram utilizados espaços cedidos pela administração do município, como por exemplo, escolas – tanto da zona urbana quanto da zona rural. A oficina "História de Vida" foi elaborada e aplicada pela oficineira Danielle Rodrigues de Jesus Assumpção, tendo apoio de outros rondonistas da equipe em momentos pontuais.

É válido ressaltar que a oficina foi desenvolvida sete vezes, a trezentos e dezesseis participantes, que foram agrupados de duas formas: por meio de solicitação dos representantes da cidade e também por meio de inscrições. A solicitação proporcionou o agrupamento de

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

professores e alunos. Já as inscrições atenderam a comunidade. Devido a essa distinção entre os participantes, cada oficina foi realizada procurando atender as particularidades de cada grupo.

A oficina contava com um plano de ação teórico/metodológico que primava, como já dito, pela flexibilidade. Assim, os procedimentos adotados se dividiram em dois grandes momentos. O primeiro momento iniciava-se com apresentação oral dos participantes, seguido de uma mobilização conduzida pela oficineira que solicitava que fechassem os olhos e rememorassem suas vivências do passado até o presente. Em seguida, era solicitado que os participantes transferissem para o papel – da forma que julgassem melhor – representações sobre suas vivências, e por meio dessas representações, os participantes, um a um, compartilhavam oralmente suas histórias de vida com o grupo. Ao término dessa etapa, o segundo momento da oficina era iniciado por meio de outra mobilização da oficineira, que solicitava aos participantes imaginarem-se no futuro, de olhos fechados, e após a mobilização deveriam também representar suas idealizações no papel. Porém, diferentemente do primeiro momento em que os participantes narravam suas vivências, agora suas projeções de futuro não eram compartilhadas com o grupo, proporcionando um momento individual.

RESULTADOS E ANÁLISES

Resgatando a proposição materialista histórica e dialética, é importante deixar explícito que os referidos resultados são fruto de um momento da realidade, ou seja, o momento de realização da oficina, que foi captado dentro do movimento constante da vida dos participantes.

Fazendo uma analogia, seria como pensar numa fotografia que captou uma imagem da realidade criada pela oficina, e que nessa imagem há a representação de algo. Dois autores tratam da arte iconográfica a partir da fotografia. O primeiro deles é Berger (1999) que apresenta a ideia do por trás das câmeras, introduzindo a figura do fotógrafo, que seria o modo de enxergar, e para o autor "Cada vez que olhamos uma fotografia estamos cientes, por mais superficialmente que seja, do fotógrafo selecionando aquela cena entre uma infinidade de outras possíveis." (BERGER, 1999, p. 11-12). Sendo assim, as "fotografias da realidade" registradas nos momentos de realização da oficina "História de Vida" foram capturadas e focadas através da ótica da oficineira, fazendo com que a imagem criada dessa captura da realidade fosse a representação de algo enviesado pela sua seleção.

O segundo autor apresentado é Kossoy (2002), que amplia as proposições de Berger acerca da imagem fotográfica como uma aparência, e propõe que a fotografia possui sua realidade

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.
Extensio: R. Eletr. de Extensão, ISSN 1807-0221 Florianópolis, v. 13, n. 21, p.23-35, 2016.

própria, além daquela em que se deu origem a foto, constituindo, portanto, duas realidades. Considerando então que a fotografia é capaz de documentar o instante, Kossoy (2005) afirma que por meio da "fotografia dialogamos com o passado, somos os interlocutores das memórias silenciosas que elas mantêm em suspensão." (p. 35). Logo, é possível refletir sobre tais imagens da realidade geradas pelas oficinas, uma vez que elas se encontram no passado e podem ser capturadas por não estarem no movimento constante da realidade.

Com base em toda essa perspectiva, seria impossível, a partir daqueles momentos gerados pela oficina, analisar o movimento identitário de cada integrante, visto que "é impossível falar de identidade sem falar em metamorfose, como um processo que se dá desde o nascimento do indivíduo até sua morte, podendo ultrapassar esses limites biológicos." (LIMA; CIAMPA, 2012, p. 16). Considerando a identidade como metamorfose e os recortes de realidade, o que se tem são fragmentos dos movimentos de construção identitária dos participantes.

Grupos heterogêneos e homogêneos

Na busca de vocábulos para nomear características similares percebidas pela oficineira nas sete oficinas aplicadas, foram eleitos os termos heterogêneo e homogêneo. Segundo Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa (2011), pode-se definir heterogêneo como "1. Formado por elementos ou partes de natureza diferente (cultura heterogênea); 2. De natureza diferente (fatores heterogêneos); 3. Que é variado, diversificado (público heterogêneo) [...]" (p. 740), já o termo homogêneo é definido pelo mesmo dicionário como "1. Da mesma natureza que outro (líquido homogêneo); 2. Idêntico, igual, análogo [...]; 3. Que apresenta uniformidade entre seus elementos (produção homogênea; partido homogêneo) [...]" (p. 752).

Compreendendo heterogeneidade como aquilo que é variado e diversificado, pode-se dizer que o público das oficinas possuía diferentes características, tais como: idade, sexo, ocupação e local de origem. Ou seja, tais categorias elencadas não foram tidas como variáveis a serem controladas, acarretando uma grande diversificação.

Diferentemente da heterogeneidade, que abrange apenas características pessoais em um contexto, a noção de homogeneidade proposta aqui está apoiada não somente no sentido dicionarizado de uniformidade, mas também nos construtos sociais da busca por aproximar-se do outro para poder pertencer ao grupo. Na maioria das oficinas, por exemplo, notou-se que os primeiros participantes, ao usarem adjetivos para as apresentações individuais, propiciavam o "empréstimo" desses adjetivos pelos demais participantes. Isso, contudo, não pode ser considerado única e exclusivamente como fator de homogeneidade, já que pode ser levantada a

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

hipótese de os participantes estarem acanhados com o início da oficina. Porém, fatores como a forma de agir e se expressar eram semelhantes entre os participantes mesmo se considerando a heterogeneidade acima apresentada. Pode-se supor que essa referida homogeneidade foi um estado, a partir do qual os participantes se colocaram como iguais, e, por estarem em conjunto naquele momento inicial, eles eram apenas um grupo que participava de uma oficina, mas não pessoas singulares constituindo um grupo. A ideia de homogeneidade seria como pensar na concepção de massa, não no sentido pejorativo do termo, mas como grupo de pessoas que não se diferenciam. Até porque essa ausência de distinção entre os participantes pode ser compreendida como uma regra inicial a ser seguida para que os sujeitos pudessem ser aceitos e garantissem a participação no grupo. Logo, são várias as hipóteses a respeito do que pode ser o fator gerador dessa homogeneidade identificada.

O sujeito de singularidades

Não se pode afirmar que os participantes tinham o conhecimento de atuarem em um "estado homogêneo". Mas, ao término da oficina, no momento de avaliação, os participantes falaram sobre atribuir significados às suas vivências, o que leva a deduzir que eles inicialmente encontravam-se na homogeneidade, e, com o decorrer das narrativas de história de vida, perceberam-se como sujeitos de singularidades.

Durante as narrativas dos participantes, a oficineira notou nos discursos das histórias de vida algumas singularidades, um primeiro indicativo perceptual de que os participantes – naquela captura do momento – estavam saindo da homogeneidade. Nesse momento, a fala dos sujeitos os reposiciona no grupo, agora como sujeitos singulares, uma vez que tal fala fez emergir o sentimento de apropriação da própria história, como relataram algumas pessoas em suas avaliações. Conforme aponta Lane (2004), é na variedade de papéis sociais desempenhados pelos sujeitos que eles vão se percebendo como sujeitos singulares, pois, ao se relacionar com o outro, características vão sendo apreendidas por meio da rede de relações de cada um. Ou seja, "[...] é nessa diversidade que eles vão se descobrindo um indivíduo diferente, distinto dos outros." (LANE, 2004, p. 20).

Nesta linha de raciocínio, vale ressaltar que nos momentos subsequentes ao inicial da oficina, a oficineira, de uma forma ou de outra, representou um sujeito externo participante que motivou o grupo a dar importância às suas particularidades, estas oriundas dos sujeitos que o compõem. Nesse sentido, ser diferente não era distanciar-se do grupo, mas dar o tom a ele, percebendo-se como um indivíduo no contexto presente.

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.
Extensio: R. Eletr. de Extensão, ISSN 1807-0221 Florianópolis, v. 13, n. 21, p.23-35, 2016.

É válido ressaltar que essa ruptura do homogêneo para o singular foi notada por poucos participantes. Porém, a mudança no discurso ao longo da oficina, bem como a avaliação final dos participantes que descreviam em suas palavras as sensações despertadas pela oficina, foram captadas pela oficineira.

Ressignificação por intermédio do outro

Os participantes atentavam-se e reagiam quando ouviam os relatos dos outros, e, a partir desse indício observado, a oficineira levantou a hipótese de que a ressignificação das vivências de cada participante só se consolidou por intermédio da narrativa do outro, ou seja, das vivências que foram compartilhadas com o grupo. Tais vivências emergiram do âmbito pessoal ganhando o espaço público do grupo. Cada nova narrativa proporcionava o fortalecimento do sujeito para explanar a sua singularidade. Estas cenas proporcionavam o conhecimento do outro e o próprio reconhecer no outro a partir das narrativas, ressignificando a própria história. Este movimento evidencia a conotação histórica-social das histórias de vida; neste sentido a significação que os sujeitos deram a si mesmos como singulares só foi possível pelo fato de estes estarem num coletivo, já que "O viver em grupos permite o confronto entre as pessoas e cada um vai construindo o seu "eu" neste processo de interação, através de constatações de diferenças e semelhanças entre nós e os outros." (LANE, 2004, p. 16).

Portanto, o momento gerado pela oficina fez com que os indivíduos constituíssem um todo maior, atribuindo um olhar à própria identidade que pôde ganhar significados que constituem e reconstituem o indivíduo socialmente.

A oficineira-participante

É de suma importância frisar que, no processo de realização da oficina "História de Vida", a oficineira esteve presente nos sete grupos distintos não somente como a pessoa que apresentou uma proposta de reflexão aos integrantes, mas também na posição de participante, vindo a compartilhar sua história de vida com os integrantes das oficinas. Além disso, a forma como a oficineira conduziu a oficina demonstrou a flexibilidade a que se propôs, não adotando uma postura rígida e autoritária. A conduta da oficineira, pelo contrário, foi (re)ordenada nos momentos de realização das oficinas e foi praticada em função do grupo do qual ela fazia parte. A práxis (teoria/prática) da oficineira-participante foi o norte para a sua atuação. Compreendendo que os conceitos identitários não teriam de ser abordados com cientificidade, a oficineira primou pela ordem do sentir, em uma transposição dos conceitos identitários no movimento do grupo e

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.
Extensio: R. Eletr. de Extensão, ISSN 1807-0221 Florianópolis, v. 13, n. 21, p.23-35, 2016.

para uma possível compreensão destes de maneira orgânica que pudesse dar aos indivíduos uma possibilidade, uma alternativa ou escolha de concepção de sua identidade.

Sendo assim, muito em função dessa condução-participação é que são usados termos no decorrer do texto tais como "percepção" e "sentimento", por exemplo, uma vez que a oficineira viveu aquele recorte de momento com os grupos. Fez se aqui então uma proposta de análise que difere do viés positivista de se produzir conhecimento em um âmbito de variáveis sob controle no qual, na maioria das vezes, os resultados podem ser mensurados e comprovados em números ou dados estatísticos. A concepção de razão empregada aqui é "no sentido de uma razão complexa, capaz de dialogar com a inusitada complexidade do mundo dos seres humanos." (ANTÔNIO, 2009, p. 23). Nesse sentido, a presente análise assemelha-se à propositura de Severino Antônio (2009) de uma leitura nas entrelinhas, sob a ótica de uma razão que ultrapasse os limites de raciocínio lógico-causal e linear – ainda necessários, mas não suficientes –, pois para esta razão "[...] que se repensa e se recria, é inseparável de uma *educação da sensibilidade*, *tanto da percepção como dos sentimentos,* especialmente uma *educação para a empatia:* sentir com o outro, pensar com o outro e viver com o outro." (p. 24, grifos do autor).

Considerando tamanha implicação da oficineira no processo de participação, a análise do todo só foi possível a partir do distanciamento temporal de quase um ano, visto que ela própria também foi observada como parte do processo. Tal distanciamento proporcionou a generalização dos elementos a fim de sistematizá-los. E tal sistematização originou-se de reflexões oriundas de relatórios, "imagens fotográficas" da oficineira (reais e mentais) e produções textuais dos participantes (verbais, não-verbais e mistas).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração todo o exposto, nota-se que não se trata de uma exposição capaz de categorizar acerca das ações realizadas já que para tal feito as análises seriam rasas ou infundadas. Porém, nesses momentos de realidade que foram capturados, questionou-se a possibilidade de se abstrair um pouco mais sobre o trabalho realizado, viabilizando aqui tanto a apresentação de uma forma alternativa de ação extensionista, quanto uma construção de análise pautada na íntegra participação de quem posteriormente analisa.

Em relação aos objetivos da oficina "História de Vida", pode-se dizer que ambos foram atingidos por meio de uma característica em comum da oficina: proporcionar a fala aos

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

participantes. A fala foi importante para que os participantes pudessem assumir ao mesmo tempo a posição de quem narra sua própria história. Afinal, não se questiona aqui a veracidade dos fatos expostos pelos participantes, importando apenas o poder que lhes foi dado para contar histórias, ou até mesmo "estórias" de vida. A proposta de reflexão sobre as vivências pessoais dos participantes também foi concretizada, uma vez que, na avaliação final das oficinas, a maioria dos participantes relatou nunca ter "parado para pensar" em alguns fatos ocorridos no decorrer da vida. Deste modo, a reflexão das oficinas possibilitou que os participantes atribuíssem novos significados às suas histórias de vida.

Sendo assim, o grande destaque da oficina foi a oportunidade criada de dar voz e poder de fala aos participantes, valorizando os sujeitos que narravam suas histórias de vida. Foi também por meio da exposição oral que os participantes puderam singularizar-se num contexto grupal, e o grupo, por sua vez, pôde particularizar-se a partir dos sujeitos que o constituíam.

REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, S. Movimento I: Uma nova escuta poética. In: **Uma nova escuta poética da educação e do conhecimento**: diálogos com Prigogine, Morin e outras vozes. São Paulo: Paulus, 2009, p. 17-26.

BERGER, J. **Modos de ver**. Tradução de Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CALEGARE, M. G. A. Questões à Psicologia Social a partir de experiências em comunidades ribeirinhas amazônicas. In: LIMA, A. F. (Org.). **Psicologia social crítica**: paralaxes do contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 197-218.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de Psicologia Social. São Paulo, Brasiliense, 2005. 8ª reimpressão da 1ª edição de 1987.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Pernambuco. Jurema. Síntese das informações. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=260840&idtema=16&search=pernambuco|jurema|sintese-das-informacoes>. Acesso em: 08 jul. 2015.

LANE, S. T. M. **O que é psicologia social.** São Paulo: Brasiliense, 2004, 5ª reimpr. da 22. ed. de 1994. (Coleção primeiros passos; 39).

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

_____. O Processo Grupal. In: **Psicologia Social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.78-98.

LIMA, A. F.; CIAMPA, A. C. Metamorfose humana em busca de emancipação: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica. In: LIMA, A. F. (Org.). **Psicologia social crítica**: paralaxes do contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 11-29.

Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa / Caldas Aulete. GEIGER, P. (Org.) Rio de Janeiro: Lexikon, 2011, p. 740

_____. GEIGER, P. (Org.) Rio de Janeiro: Lexikon, 2011, p. 752.

Projeto Rondon: lição de vida e cidadania. Disponível em: <http://projetorondon.pagina-oficial.com/portal/index/pagina/id/343/area/C/module/default>. Acesso em: 11 jul. 2015.

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA. **Política de extensão**. 4. ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2011.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê ed., 2002.

_____. O relógio de hiroshima: reflexões sobre os diálogos e silêncios das imagens. **Revista Brasileira de História**: São Paulo, ANPUH, História e Manifestações Visuais, v. 25, n. 49, p. 35-42, 2005.

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.